



ROMARIO PADILHA ALVES

**EFEITOS DA MUSICOTERAPIA APLICADA EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO
DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) UMA REVISÃO INTEGRATIVA**

GUARAPUAVA

2025

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho só foi possível graças à grande contribuição de algumas pessoas, as quais eu dedico meus sinceros agradecimentos.

- A Deus, pelo seu amor infinito e por ter me dado força e capacidade para chegar até aqui, pois sem Ele não conseguiria.

- Ao meu parceiro e amigo orientador Guilherme Aurelio, por ter acreditado no meu potencial, me ajudando com suas ideias e teorias, para juntos elaborarmos essa pesquisa integrativa, que sempre foi um dos meus objetivos a sua realização e com sua Excelentíssima ajuda, eu posso dizer que conseguimos.

- A minha noiva, pelo companheirismo, por todo amor e principalmente pela paciência, como também pela grande ajuda para o desenvolvimento desse trabalho.

- Aos meus pais, por sempre me apoiarem e estarem comigo desde o início desse sonho que com muita dedicação está virando realidade.

- Agradeço também ao Centro universitário Campo Real, em especial, ao corpo docente do Centro de Educação, ao Coordenador Altair Justus Neto, à supervisora de estágio, professora Maria Lima, à professora Daniele Milani e todos os professores que me ajudaram tanto para a construção do meu saber.

- À professora Lucia M. Kadlubitski pela correção gramatical deste trabalho.

-À banca examinadora, por ter aceito meu convite e fazer parte deste momento tão importante na minha vida.

EPIGRAFE

RESUMO

Objetivo: O presente estudo teve como objetivo analisar a eficácia da musicoterapia como abordagem terapêutica complementar na assistência de enfermagem às crianças com TEA. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, realizada por meio da estratégia de busca com o operador booleano "E", considerando apenas artigos publicados nos últimos dez anos. As bases de dados utilizadas foram PubMed, SciELO e LILACS, com descritores controlados (DeCS/MESH). **Resultados:** A seleção resultou inicialmente em 13 artigos, dos quais apenas 4 ressaltam amplamente a natureza do presente estudo, e também evidenciam que a musicoterapia contribui significativamente para a melhoria da comunicação não verbal e interação social dessas crianças. **Discussão:** Os resultados apontam que a musicoterapia tem se mostrado uma ferramenta valiosa e eficaz no cuidado terapêutico de crianças com TEA, promovendo melhorias na comunicação, interação social e comportamento. **Considerações Finais:** Conclui-se que a musicoterapia representa uma estratégia complementar importante no cuidado não farmacológico, especialmente no contexto da enfermagem, ampliando as possibilidades de intervenção humanizada e eficaz junto a essas crianças.

ABSTRACT

Objective: This study aimed to analyze the effectiveness of music therapy as a complementary therapeutic approach in nursing care for children with ASD. **Methodology:** This is an integrative literature review, carried out using the search strategy with the Boolean operator "AND", considering only articles published in the last ten years. The databases used were PubMed, SciELO and LILACS, with controlled descriptors (DeCS/MESH). **Results:** The selection initially resulted in 13 articles, of which only 4 broadly highlight the nature of the present study, and also show that music therapy contributes significantly to improving nonverbal communication and social interaction in these children. **Discussion:** The results indicate that music therapy has proven to be a valuable and effective tool in the therapeutic care of children with ASD, promoting improvements in communication, social interaction and behavior. **Final Considerations:** It is concluded that music therapy represents an important complementary strategy in non-pharmacological care, especially in the context of nursing, expanding the possibilities of humanized and effective intervention with these children.

INTRODUÇÃO

Inicialmente a enfermagem prestava cuidado aos enfermos com a prática empírica. Em meados do século XIX, *Florence Nightingale* teve grande destaque por meio de sua teoria ambientalista e transformou a visão sobre o trabalho em enfermagem, transformando em fundamentos científicos de modo que os novos conceitos interferiram e impulsionaram a profissão (Floriano et al. 2020).

O autismo nomeado pelo DSM-5 de Transtorno do Espectro Autista (TEA), é ainda uma das mais misteriosas patologias devido a sua complexidade e variabilidade em relação aos aspectos cognitivos, comportamentais, sensoriais, psicomotoras, e de linguagem, e tem sido alvo de investigações de muitos pesquisadores (Gomes, 2019).

O TEA também é descrito como um distúrbio incapacitante do desenvolvimento emocional, mental, e neuronal que se manifesta desde a infância e envolve várias, linguagem déficits nas dimensões sócio comunicativa e comportamental afeta crianças de todas as origens étnicas e classes sociais, impactando significativamente sua capacidade de se relacionar e interagir com os outros (Schmidt, 2013).

De acordo com a Organização Mundial de Saúde a prevalência mundial do TEA é de uma em cada 160 crianças. Os sintomas tendem a persistir da infância até a adolescência e na idade adulta. Desse modo, para se ter uma ideia, em apenas um ano, o número de matrículas de pessoas com TEA passou de 429 mil, em 2022, para 636 mil, em 2023 no Brasil, ou seja, um aumento de 48%. Entretanto, os casos têm aumentado em esfera mundial, com isso, o número de diagnósticos de autismo aumenta de forma acelerada (Carmo et al.,2019).

De acordo com o relatório do CDC (*Centers for Diseases Control and Prevention*), publicado em março de 2023, 1 em cada 36 crianças aos 8 anos de idade é diagnosticada com TEA. Ao relacionarmos esse valor para o Brasil, podemos calcular o número de pessoas com o transtorno no país. Com uma população estimada em 203.080.756, segundo o Censo 2022, teríamos cerca de 5.641.132 autistas no país. Esse número representa um aumento de 22% em relação ao estudo anterior, feito em 2018 e que estimava que 1 em cada 44 crianças apresentava TEA naquele ano (Braz, 2023).

Dentro desse aspecto, a palavra autismo vem do grego *autos* e significa *self*. O termo foi criado em 1911 pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuer (1950) que estudava os sintomas de esquizofrenia em adultos. A história oficial acerca da condição inicia

quando Leo Kanner publica, em 1943, seu artigo *The Nervous Child* a criança nervosa (Louro, 2024). Este artigo é o resultado de um estudo que Kanner realizou com 11 crianças, oito meninos e três meninas com idades entre 2 e 4 anos, observando características comuns em todas elas. Nesse estudo, salientou-se que essas características apontavam para a descoberta de uma síndrome singular, que até então, não havia sido reportada e que parecia ser rara (Louro, 2024).

Dessa maneira, dentro desse artigo feito por Leo Kanner é fatídico ressaltar que nos dias de hoje, as condições de saúde mental e física, do dia a dia dessas crianças evoluíram para o diagnóstico mundialmente conhecido como autismo (TEA). A partir desse pressuposto, os pacientes com autismo, cerca de 49,33% afirmam que possuem alguma doença crônica ou secundária que foi identificada junto ao diagnóstico de TEA e 50%, afirmam não ter acesso a recursos e suportes adequados para as suas necessidades autistas. Segundo a literatura científica, a saúde da pessoa autista é mais vulnerável que a população em geral. Dessa maneira, ressalta-se a ocorrência de doenças comuns como questões gastrointestinais (8,4%), doenças respiratórias (3,6%), hipovitaminoses (3,5%), obesidade (2,95) e anemia (2,6%), por exemplo, que aparecem nessa ordem entre as mais prevalentes em autistas (Bandeira, 2024).

É indubitável o apoio familiar e social para obter um papel crucial na qualidade de vida das pessoas com autismo (TEA), ajudando-as a superar desafios, desenvolver habilidades e alcançar seu pleno potencial. É importante reconhecer que o autismo é uma parte da identidade desses indivíduos e que o apoio e a compreensão da família e da comunidade desempenham um papel fundamental na promoção do bem-estar e do desenvolvimento (Care, 2024).

Muitas crianças autistas exibem desde cedo disfunções sensoriais e motoras, assim intervenções terapêuticas que atuam no estímulo sensorial têm mostrado efeitos positivos, além de intervenções visuais e auditivas, técnicas de manejo sensório-motor e exercícios físicos (Machado, 2015). Muitos Programas terapêuticos e educacionais dedicados às pessoas com transtorno do espectro autista são necessários, como a musicoterapia que tem sido uma das modalidades terapêuticas e educacionais de relevante importância no tratamento dessas crianças, com objetivo de estímulo, qualidade de vida e a melhora em várias áreas de seu desenvolvimento (Machado, 2015).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) demanda tratamento multidisciplinar. Apesar da resistência inicial de muitos planos de saúde, a Lei nº 14.454/2022 estabeleceu o caráter exemplificativo do rol da ANS, possibilitando a cobertura da musicoterapia, uma vez que sua eficácia é comprovada por evidências científicas e recomendações de órgãos qualificados, notadamente a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) e o reconhecimento oficial da profissão, o que se adequa ao disposto no Art. 10, § 13 da Lei dos Planos de Saúde (Peixoto, 2023).

A musicoterapia pode beneficiar em uma perspectiva comportamental no tratamento do autismo, sendo uma ferramenta essencial na comunicação não-verbal para pessoas com TEA, favorecendo conexões emocionais e interpessoais. Dessa forma, a interação musical se revela como uma ferramenta essencial na comunicação não-verbal, oferecendo um meio de expressão significativo, especialmente para aqueles com TEA, facilitando a conexão emocional e a interação interpessoal (Brandalaise, 2013).

É difícil descrever fatores que influenciam no comportamento e na cultura humana sem que haja, em algum momento, algo relacionado à música. Estudos comprovam que a música é atuante no cérebro, produzindo estímulos e efeitos diversos na cognição, linguagem, na cultura e em muitos outros aspectos (Casaroto, Vargas, Mello-Carpes, 2017). Em um passado não muito remoto, a música foi utilizada como uma das diversas formas de comunicação à distância de muitas civilizações. Ao longo dos séculos, até os dias de hoje, aquelas formas de comunicação através de som se desenvolveram e desde então, vem se aperfeiçoando, sendo criadas, recriadas, esgotadas e reinventadas (Schelleberg, Weiss, 2013).

Nessa abordagem, a música acompanha o ser humano na sua trajetória existencial, pois sua relação com a música é tão antiga como a sua própria existência, o que contribui para a sua identidade cultural e artística, usada como veículo de expressão de sentimentos nas mais variadas formas (Matoso, Oliveira, 2017).

É parte integrante das atividades realizadas pela humanidade e usada no cuidado em saúde. A música possui ordem, harmonia e equilíbrio e chega ao nosso ouvido sobre a forma de vibração, permitindo que o nosso cérebro a intérprete e a associe ao bem-estar, como algo organizado e agradável (Matoso, Oliveira, 2017).

De acordo com Ferreira (2012), a música é considerada uma arte porque permite satisfazer o instinto criador da criança, desenvolvendo a capacidade de

apreciar o belo, enriquecendo a vida. Ao brincar com sons e ritmos a criança começa a experimentar e a criar, expressando-se de forma individual, rica e criativa.

O principal motivo do aparente sucesso das técnicas musicoterapêuticas no tratamento do TEA é, possivelmente, o especial interesse que a música desperta nessa população (Berger, 2003). Segundo *Molnar-Szakacs & Heaton (2012)* pessoas com TEA de um modo geral, demonstram notável interesse por música e podem até mesmo ter uma habilidade excepcional na área musical, o que faz da música, segundo os autores, uma janela única para o mundo do autismo.

Na enfermagem, a utilização da música com finalidade terapêutica se iniciou com *Florence Nightingale*, seguida anos mais tarde, por *Isa Maud Ilsen e Harryet Seymor*, no cuidado aos feridos das Guerras Mundiais. Mais recentemente, a "musicoterapia" passou a constar da Classificação das Intervenções de Enfermagem - *Nursing Intervention Classification (NIC)*, sendo assim definida: "uso da música para ajudar a alcançar uma mudança específica de comportamento, sentimento ou fisiologia" (McCloskey e Bulechek, 2004, p. 585).

Enfermagem e a Musicoterapia possuem interfaces que se relacionam com a visão integral do cliente e a busca por promover uma assistência holística que atenda aos aspectos físicos, emocionais e sociais deste, estimulando para que expresse seus desejos e subjetividades e que exerça seu direito de escolha (Taets e barcello, 2010).

Ainda, encontra-se "Musicoterapia", na Parte 2 da referida obra, que se refere à Taxonomia das Intervenções de Enfermagem, com o código 4400 e seguida da letra Q - melhora da comunicação: "intervenções para facilitar o envio e o recebimento de mensagens verbais e não-verbais", inserida no Domínio 3: Comportamental: "Cuidados que dão suporte ao funcionamento psicossocial e facilitam mudanças no estilo de vida" (2004, p. 148).

O Objetivo do trabalho foi realizar uma pesquisa integrativa que tem como principal foco, identificar a importância da musicoterapia na assistência de enfermagem para as crianças com TEA, no âmbito de identificar a influência da musicoterapia na comunicação verbal e não verbal, bem como, no comportamento das crianças com autismo. Também buscou-se identificar se os profissionais de enfermagem têm utilizado a musicoterapia como uma intervenção complementar, através de uma revisão literária baseados em dados e artigos já publicados, comprovados e revisados.

METODOLOGIA

Para esse estudo, optou-se pela metodologia de revisão integrativa da literatura, sendo artigos selecionados já analisados e sintetizados de acordo com dados e objetivo da pesquisa. Neste aspecto, a questão norteadora foi: Quais são os benefícios da musicoterapia em crianças com TEA, especialmente em relação ao grande impacto do aumento de crianças com laudo de autismo em todo o Brasil e mundo, dessa maneira, analisando como a enfermagem pode usar o método terapêutico como uma intervenção complementar. Foram destacadas as principais evidências, relacionada e eficácia da musicoterapia na reabilitação social das crianças com TEA.

Essa revisão integrativa foi realizada com bases em artigos, publicados durante a faixa temporal nos anos de 2014 a 2024. Foram utilizados os descritores em saúde: transtorno do espectro autista, Musicoterapia, Reabilitação social e enfermagem. Neste aspecto, para refinar a estratégia de busca, foram utilizadas pesquisas isoladas com utilização do operador booleano “E” conjugando (Transtorno do espectro autista) “E” (Musicoterapia), (Reabilitação social) “E” (Musicoterapia), (Musicoterapia) “E” (enfermagem).

A pesquisa foi feita por meio de consulta bases de dados científicos como o *PubMed (National Library of Medicine)*, *SCIELO (Scientific electronic library online)*, *Lilacs (Literatura latino-americano e do Caribe)*, ambas plataformas acessadas em setembro de 2024. Dessa maneira, foram estabelecidos critérios de inclusão e exclusão para assegurar a qualidade do presente estudo. Os critérios de inclusão abrangeram escritas apenas em português, artigos publicados no ano de 2014 até 2024 e artigos disponíveis na íntegra. A busca se deu através de reconhecidos científicos e livros relacionados a área que apresenta intervenções e resultados na aplicação da música em crianças com autismo. Os critérios de exclusão sintetizaram estudos fora do escopo temático, Diagnósticos de qualquer outra patologia que não seja o TEA, artigos com a metodologia não original, artigos não disponíveis na íntegra, artigos fora da linha temporal dos últimos 10 anos.

A pesquisa realizada conforme descrita acima, foram encontrado um total de 142 resultados. Após aplicados os critérios de inclusão e exclusão, restaram 13 artigos que foram lidos na íntegra, e resultaram em um total 4 artigos selecionados para que sejam revisados.

Encontrou-se 133 estudos como busca geral na BVS, sendo que limitando a busca para artigos com textos amplamente significativos para esse trabalho, obteve-se 3 artigos de forma condizente para o objetivo da pesquisa.

Na base PUBMED, com busca total, encontrou-se um total de 7 resultados, aplicado na pesquisa filtro que limita por textos completos dos últimos 10 anos, não foram obtidos resultando que ressalve o objetivo do estudo.

Na base Scielo, como busca total, foram encontrados 2 estudos, aplicando-se a pesquisa filtro que limita os trabalhos publicados nos últimos 10 anos, os estudos encontrados, a partir da análise de títulos e resumo, obteve-se o total de 1 estudo proporcional para a essa pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a busca e seleção dos artigos, os selecionados estão descritos na tabela:

	Ano/autor	Título	Objetivo Geral	Resultados
1	Rohr et al. 2016, Brasil	Intervenção de enfermagem com música: revisão integrativa da literatura.	Caracterizar a utilização da música nas intervenções de enfermagem e analisar evidências científicas sobre a sua utilização.	A música vem sendo utilizada por enfermeiros para reduzir ansiedade e estresse, promover o bem estar, facilitar a interação e vínculo, melhorar a qualidade do sono, reduzir comportamentos agressivos e índices de depressão
2	Oliveira et al. 2021, Brasil.	Contribuição da musicoterapia no transtorno do espectro autista: revisão integrativa da literatura.	Verificar as evidências científicas sobre a contribuição da musicoterapia como intervenção no tratamento da criança com Transtorno Espectro Autista.	Doze artigos evidenciaram o valor da música e o seu papel como recurso terapêutico em crianças.
3	Barcelos et. 2018, Brasil.	A musicoterapia em pacientes portadores de transtorno mental.	identificar os fatores positivos da musicoterapia em pacientes com transtornos mentais.	foi observado que a musicoterapia pode ser utilizada como forma complementar de tratamento não farmacológico para auxiliar no restabelecimento do equilíbrio

				psíquico do indivíduo portador de transtornos mentais.
4	Junior et.al., 2022, Brasil.	Neurociência da música e ações da musicoterapia nos transtornos mentais: uma revisão sistemática.	Investigar o potencial musical encéfalo humano como ferramenta terapêutica nos transtornos mentais. Para a busca, considerou-se publicações no período 2015 a 2020 em português ou inglês. Foram avaliados 11 artigos	A musicoterapia tem crescente destaque no manejo psicopatológico, possuindo diferentes aplicações terapêuticas, elevando a auto percepção e autorrealização e reduzindo ansiedade.

Fonte: o autor (2025)

A música é utilizada como recurso no cuidado humano desde a Antiguidade, na enfermagem, tem-se como marco histórico as notas de *Florence Nightingale*, precursora da Enfermagem Moderna, sobre o ambiente sonoro, que evidenciou o poder da música na recuperação dos doentes com destaque para a utilização de sons contínuos e instrumentos de sopro. Outras enfermeiras ao longo da história, também incorporaram esse recurso no cuidado junto aos feridos de guerra, com destaque para *Isa Maud Ilsen*, que fundou a Associação Nacional para Música nos Hospitais e *Harriet Seymo (Rohr, 2015)*. Dessa maneira, ao trabalhar em locais do Sistema Nervoso, a musicoterapia proporciona uma melhora considerável na comunicação e também na resposta motora dos pacientes, ao possibilitar a reintegração do indivíduo com a sociedade e família. Deste modo, a música atua nas reações emocionais, ocasionando a melhora das condições psicológicas e também permite que o paciente tenha um aumento na qualidade de vida e na promoção de vínculos em seu meio social. A música cada vez mais tem se inserido e julgado como um objeto importante e decisivo no processo de cuidar, tornando parte da reintegração social do indivíduo, oferecendo o bem-estar, a autoestima e autonomia (Barcelos et al. 2018).

Segundo Rohr, (2015), é importante que o enfermeiro desenvolva competências para a utilização desse recurso, considerando não se tratar de um conhecimento próprio, mas com possibilidade de diálogo e aplicação por enfermeiros na interface com outras disciplinas, como a musicoterapia. Além disso, os enfermeiros

devem ampliar seus conhecimentos, identificando as evidências científicas sobre a utilização desse recurso no cuidado em saúde.

Barcelos (2018) traz a musicoterapia como tecnologia aplicada ao ensino e o desenvolvimento do cuidado de enfermagem, explicita um dos meios terapêuticos de forma diferenciada se aplicada de forma criativa, incentiva a expressão de emoções e a possibilidade de uma comunicação interpessoal mais efetiva. Sendo assim, a musicoterapia permite a análise comportamental do indivíduo, sendo trabalhada a anamnese sonora, assim, o tratamento não se torna mecanizado, onde o profissional trabalha com o cliente de forma espontânea e através deste dado momento, ocorre a promoção da interação entre o profissional e o paciente.

Segundo Oliveira (2021) o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é caracterizado por prejuízos qualitativos na interação social, associados a comportamentos repetitivos, estereotipados e presença de um repertório restrito de atividades e interesses. Dentro dessa análise, a musicoterapia tem um efeito positivo na interação social de crianças com TEA, havendo um envolvimento melhor dessas crianças com suas famílias, interação no âmbito escolar, onde a intervenção favorece e orienta novas experiências sensoriais, motoras, de linguagem e de interações, sendo possível abarcar a tríade de alterações, interação, comunicação e comportamento de forma lúdica e musical, melhorando sua cognição, e diminuindo isolamento social.

Nessa perspectiva, a enfermagem não deve se restringir a um aspecto, no que diz respeito ao pragmatismo, onde o cliente apresenta uma determinada patologia e a mesma é tratada. O cuidado de enfermagem tem por base a visão holística que abrange a esfera da subjetividade que se dá por meio dos pensamentos, sentimentos e emoções. Desta forma, a musicoterapia expressa íntima relação com a visão integral do cliente, onde o mesmo expressa suas subjetividades através desta interface (Barcelos, et al. 2018).

Nesse contexto, por meio de suas aplicações práticas, as intervenções musicais terapêuticas demonstram sua eficácia nas funções motoras (especialmente na marcha e na coordenação dos membros superiores e cognitivas (como linguagem, memória e atenção) e nos componentes psicológicos associados a transtornos mentais. Além disso, no campo da reabilitação, a música pode gerar efeitos significativos no tratamento imediato e a longo prazo em diferentes transtornos mentais e comportamentais, e em diferentes contextos hospitalares, tendo papel

fundamental ao reduzir os efeitos da hospitalização, melhorando essencialmente a qualidade de vida do paciente em aspectos da sua vida social, afetiva, profissional e de saúde (Junior, et al. 2022).

Nesta análise, em um estudo fora dos materiais selecionados para esta pesquisa, publicado por Bergold (2005), observou-se que a música desempenha uma função diferente para a enfermagem e para a Musicoterapia, embora ambas visem a sua utilização com fins terapêuticos. Para a enfermagem, a música é um recurso para o cuidado, o seu fim precípua. Diversos estudos apontam a sua utilização para diminuir a dor, melhorar a interação do paciente com os enfermeiros ou equipe, facilitar o processo ensino-aprendizagem, promover conforto e outras, todas voltadas para a finalidade de cuidar, propiciando bem-estar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar a eficácia da musicoterapia como abordagem terapêutica para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Através de uma revisão integrativa da literatura, foi possível identificar que a musicoterapia atua como uma ferramenta eficaz, promovendo a interação social e a expressão emocional de forma lúdica, aspectos fundamentais no desenvolvimento de crianças com TEA.

Os resultados indicam que a música, enquanto ferramenta terapêutica, deve ser incorporada de maneira interdisciplinar em programas de intervenção precoce, contextos educacionais e terapêuticos. Seu potencial para transformar a forma como crianças autistas se expressam e interagem com o mundo, evidencia a necessidade de maior investimento e reconhecimento dessa prática no cenário clínico e educacional.

Entretanto, é importante ressaltar as limitações encontradas durante a pesquisa, como a escassez de estudos com amostras amplas e metodologias diversificadas. Portanto, recomenda-se a realização de novos estudos, com metodologias diferenciadas, como estudos de caso ou pesquisas de campo, para aprofundar o conhecimento sobre os efeitos da musicoterapia no tratamento do TEA.

Em síntese, este estudo corrobora com a ideia de que a musicoterapia é uma ferramenta valiosa nas intervenções terapêuticas para crianças com TEA, promovendo benefícios significativos de forma não invasiva e contribuindo para uma melhor qualidade de vida desses indivíduos. A integração da musicoterapia nas

práticas assistenciais de enfermagem e outras áreas da saúde é, portanto, recomendada, visando à humanização e eficácia no tratamento de crianças com TEA.

É importante salientar que a musicoterapia é disponibilizada pelo SUS, na qual seria de cunho primordial inserir essa ferramenta nas unidades básicas de saúde, pois ficaria acessível à comunidade, com isso, iria proporcionar aos enfermeiros uma educação continuada para que eles pudessem se capacitar para utilizar esse meio não farmacológico nos cuidados de enfermagem com crianças com TEA.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES JUNIOR, Rildo; BORGES, Anna de Paula Freitas; BLANCH, Graziela Torres. **Neurociência da música e ações da musicoterapia nos transtornos mentais: uma revisão sistemática**. Saúde e Pesquisa, v. 15, n. 4, p. e11161, out./dez. 2022. DOI: 10.17765/2176-9206.2022v15n4.e11161. Disponível em: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/saudpesq/article/view/11161>. Acesso em: 6 maio 2025.

ASSUNÇÃO, Wildson Cardoso.et.al. **O tratamento de sintomas de ansiedade baseado na musicoterapia cognitivo-comportamental**. Educação, Psicologia e interfaces,v.4,n.1,p.127-143,2020. Disponível em <https://educacaoepsicologia.emnuvens.com.br/edupsi/article/download/195/158>. Acesso em 11 Set. 2024.

ANTUNES, H. K. M. et al. **Privação de sono e exercício físico**. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, v. 14, n. 1, p. 51–56, jan. 2008.

AWOBAJO, F. O. et al. Genistein precipitated hypothyroidism, altered leptin and C-reactive protein synthesis in pregnant rats. **Nigerian Journal of Physiological Sciences**, v. 30, n. 1-2, p. 79-85, 2015.

BANDALISE, Andre. **Musicoterapia aplicada à pessoa com transtorno do espectro do autismo (TEA): uma revisão sistemática**. 2013. p 28-42. Brazilian journal of music therapy. Disponível em

<https://musicoterapia.revistademusicoterapia.mus.br/index.php/rbmt/article/download/238/220>. Acesso em 10 Set . 2024.

BANDEIRA, Gabriela. **Retrato do autismo no Brasil**. São Paulo: Canal Autismo. 2023. Disponível em:<https://www.canalautismo.com.br/noticia/retratos-do-autismo-no-Brasil-em-2023/>. Acesso em 10 Set . 2024.

BARCELOS, Vagner Marins; TEIXEIRA, Enéas Rangel; RIBEIRO, Ana Beatriz de Nazareth; SILVA, Lucas Duarte Braga da; RODRIGUES, Diego Pereira; SIQUEIRA, Alex Sandro Azevedo. **A musicoterapia em pacientes portadores de transtorno mental**. Revista de Enfermagem UFPE on line, Recife, v. 12, n. 4, p. 1054–1059, abr. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/231436>. Acesso em: 20 abr. 2025.

BENENZON, Rolando. **Manual de musicoterapia**. Rio de Janeiro: Enelivros, 1985. ENENO Eolan.s. aula Sa mus otira contribuição ao conhecimento. Acesso em 13 Set. 2024.

BEN-JONATHAN, Nira. Endocrine Disrupting Chemicals and Breast Cancer: The Saga of Bisphenol A. In: **Estrogen Receptor and Breast Cancer**. Humana Press, Cham. p. 343-377., 2019.

BESZTERDA, Monika; FRAŃSKI, Rafał. Endocrine disruptor compounds in environment: As a danger for children health. **Pediatric Endocrinology, Diabetes & Metabolism**, v. 24, n. 2, 2018.

BIGATTO, Karen Roberta Steagall. **Música no cotidiano de cuidados em saúde mental: uma cartografia**. 2018. 146 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: TeseUSP. Acesso em: 6 maio 2025.

BLUMBERG, B. 1.02 Alternative Approaches to Dose–Response Modeling of Toxicological Endpoints for Risk Assessment: Nonmonotonic Dose Responses for Endocrine Disruptors. 2018.

BRAUN, Doreen; SCHWEIZER, Ulrich. Efficient activation of pathogenic Δ Phe501 mutation in monocarboxylate transporter 8 by chemical and pharmacological chaperones. **Endocrinology**, v. 156, n. 12, p. 4720-4730, 2015.

BRAUN, Doreen; SCHWEIZER, Ulrich. The chemical chaperone phenylbutyrate rescues MCT8 mutations associated with milder phenotypes in patients with Allan-Herndon-Dudley syndrome. **Endocrinology**, v. 158, n. 3, p. 678-691, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Diretrizes para o cuidado das pessoas com doenças crônicas nas redes de atenção à saúde e nas linhas de cuidado prioritárias**. Brasília : Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes%20_cuidado_pessoas%20_doencas_cronicas.pdf. Acesso em: 14 maio 2024.

FREIRE, Marina Horta Freire. **Efeitos da Musicoterapia Improvisacional no tratamento de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo**. 2014. 75 p. Dissertação (Mestrado em Neurociência) – Faculdade UFMG ,Universidade federal de Minas Gerais, 2014. Disponível em https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS9PFJSA/1/dissertacao_marina_horta_freire.pdf. Acesso em 2 set. 2024.

OLIVEIRA, Francisca Vieira de; RÊGO NETA, Marly Marques; MAGALHÃES, Juliana Macêdo; OLIVEIRA, Adélia Dalva da Silva; AMORIM, Fernanda Claudia Miranda; CARVALHO, Claudia Maria Sousa de. **Contribuição da musicoterapia no transtorno do espectro autista: revisão integrativa da literatura**. Journal of Nursing and Health, v. 11, n. 1, p. e2111117779, 1 abr. 2021. DOI: 10.15210/jonah.v11i1.17779. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/17779>. Acesso em: 6 maio 2025.

ROHR, Roseane Vargas; ALVIM, Neide Aparecida Titonelli. **Intervenções de enfermagem com música: revisão integrativa da literatura**. Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online, v. 8, n. 1, p. 3832-3844, jan./mar. 2016. Disponível em: <https://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/4182>. Acesso em: 20 abr. 2025.